

Os testemunhos na cobertura de um desastre socioambiental: papéis e potências para uma nova sensibilidade

Testimonies in the coverage of socio-environmental disaster: roles and potentials for a new sensitivity

Los testimonios em la cobertura de un desastre socioambiental: roles y potencialidades para una nueva sensibilidad

Josemari QUEVEDO¹
Márcia Franz AMARAL²

Resumo

Analisamos a cobertura do desastre após a passagem de um ciclone extratropical e enchente no município de Muçum (RS), ocorridos em setembro de 2023, nos jornais Zero Hora e Correio do Povo, com o objetivo de compreender como as fontes jornalísticas foram convocadas e, especialmente, como foram configuradas as fontes testemunhais. A partir do enfoque relacional da comunicação, verificamos o acionamento destes testemunhos, enfocando a análise nas perspectivas morais utilizadas na narrativa dos testemunhos dos afetados, nos questionando sobre a ética envolvida e sobre a geração de uma maior sensibilidade socioambiental sobre o ocorrido. Quanto ao uso das fontes não testemunhais, Zero Hora priorizou as de cunho militar, enquanto o Correio do Povo deu mais visibilidade às de cunho político. Entre os resultados, destacamos que ambos os jornais lançaram mão de testemunhos de forma similar, buscado uma maior aproximação com o público sobretudo pela via da emoção.

Palavras-chave: Desastres socioambientais; Cobertura jornalística de desastres; Atores sociais e sensibilização ambiental; Potenciais do uso de testemunhos.

¹ Jornalista, Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM. Bolsista Capes Print. Email: josemari.quevedo@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5508-6989>.

² Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, professora titular da Universidade Federal de Santa Maria e pesquisadora do CNPq. Email: marcia.amaral@ufsm.br. ORCID: 0000-0001-7283-474X



Abstract

This paper analyses the coverage of the disaster after the passage of an extratropical cyclone and flooding in the municipality of Muçum (RS), which occurred in September 2023, in the newspapers Zero Hora and Correio do Povo. The goal is to understand how sources were mobilized and, particularly, how eyewitness sources were configured. Using a relational approach to communication, we examined the activation of these testimonies, focusing on the moral perspectives employed in the narratives of the affected individuals, questioning the ethics involved and the creation of greater socio-environmental sensitivity regarding the event. Pertaining to the use of non-eyewitness sources, Zero Hora prioritized military sources, while Correio do Povo gave more visibility to political sources. Among the findings, we highlight that both newspapers used testimonies similarly, seeking greater engagement with the audience, primarily through emotional means.

Keywords: Socio-environmental disasters; Disaster journalism coverage; Social actors and environmental awareness; Potential of using testimonies.

Resumen

Este artículo analiza la cobertura del desastre tras el paso de un ciclón extratropical y las inundaciones en el municipio de Muçum (RS), ocurridos en septiembre de 2023, en los periódicos Zero Hora y Correio do Povo. El objetivo es comprender cómo se movilizaron las fuentes y, en particular, cómo se configuraron las fuentes testimoniales. Usando un enfoque relacional de la comunicación, examinamos la activación de estos testimonios, centrándonos en las perspectivas morales empleadas en las narrativas de los afectados, cuestionando la ética involucrada y la generación de una mayor sensibilidad socioambiental respecto al evento. En cuanto al uso de fuentes no testimoniales, Zero Hora priorizó las fuentes militares, mientras que Correio do Povo dio más visibilidad a las fuentes políticas. Entre los hallazgos, destacamos que ambos periódicos utilizaron testimonios de manera similar, buscando una mayor conexión con el público, principalmente a través de medios emocionales.

Palabras clave: Desastres socioambientales; Cobertura periodística de desastres; Actores sociales y sensibilización ambiental; Potenciales del uso de testimonios.

“Muçum não existe mais”. Quem conta esta história?

Os testemunhos de pessoas afetadas por diferentes acontecimentos são recorrentes no jornalismo, mesmo que sua importância e papel tenham variado ao longo da história. Pesquisas mostram que os testemunhos são utilizados pelo jornalismo para reconstituir o acontecimento, para humanizar a história e para criar maior proximidade entre o ocorrido e o leitor (Motta, 2016; Amaral, Motta, 2018; Motta, Amaral, 2019; Amaral, Motta, Souza, 2022). Dessa forma, ressalta-se seu potencial como mecanismo de sensibilização para situações que merecem atenção pública, caso dos recorrentes desastres que envolvem eventos extremos. Como um



desastre desorganiza as rotinas jornalísticas, entre as diferentes fontes de informação, as fontes testemunhais são as mais produtivas no clímax do acontecimento por conjugarem informações detalhadas desde suas experiências com as emoções provocadas pelo sofrimento e as perdas vivenciadas. Desta maneira, acabam por atuar midiaticamente em formatos de comoção social sobre o desastre (Amaral, Motta e Souza, 2022).

Nosso objetivo é compreender como os testemunhos vêm sendo usados pelo jornalismo no relato dos desastres deflagrados por eventos meteorológicos extremos e qual seu papel no universo de fontes utilizadas nas coberturas, a partir de um desastre em particular. A meta é avaliar se eles se constituem em portas de acesso para um jornalismo mais qualificado.

O ano de 2023 marcou o Rio Grande do Sul com tragédias deflagradas por fenômenos climáticos. Temos como casos emblemáticos vários episódios de enchentes em 2023 e a maior catástrofe ambiental do Rio Grande do Sul em maio de 2024. O estado passou por uma série de temporais e ciclones extratropicais, deixando cidades destruídas, ceifando vidas e fazendo com que se intensificasse no jornalismo, a partir desta realidade, testemunhos de pessoas traumatizadas por perdas humanas e materiais. Outros, não diretamente afetados, mas que foram fontes, implicaram-se no relato deste acontecimento. Nota-se, como apontam Amaral e Lozano Ascencio (2015, p. 256), que “a narrativa jornalística sobre os desastres tem nos testemunhos um de seus pilares”, compostos pela “força, intensidade e verdade” desses relatos a partir da gravidade e do interesse humano acionados nesses acontecimentos.

No início de setembro de 2023, houve a passagem de um ciclone na região dos Vales do Taquari e Caí, deixando pelo menos 53 mortos (G1, 2023a), com 107 municípios atingidos, com mais de 5,2 mil desabrigados e de 22 mil desalojados, num total de 402.297 pessoas afetados e 943 feridos (Laboré, Aguiar, 2023). O município de Muçum, de menos de 5 mil habitantes, foi o mais afetado, ao ser invadido pelo Rio Taquari, e teve 85% do seu território submergido pelas águas, contabilizando pelo menos 15 mortes³. A imprensa cobriu esse acontecimento amplamente e, muitas vezes, ancorou-se no relato dos *sobreviventes* atingidos para encorpar o noticiário sobre o desastre (Peres, 2021). “Muçum não existe mais” (Trojan, 2023), afirmou o prefeito,

³ No desastre de 2024, Muçum foi destruída novamente.



uma das testemunhas afetadas pelo desastre que, meses depois, em maio de 2024, repetiu-se deixando a cidade destruída e isolada.

Acionamos Seligman-Silva (2003, p. 8) que diz que os testemunhos dos sobreviventes exercem um papel especial na era das catástrofes por terem sobrevivido e “passado por um evento-limite, radical”, ao que, metaforicamente, se atribui como atravessar a ‘morte’. Diante disso, partimos da recuperação realizada por este autor sobre o papel dos diferentes testemunhos na era das catástrofes e questionamos como os testemunhos vêm sendo configurados nas narrativas jornalísticas sobre os desastres nos tempos atuais, e nos perguntamos se há rastros de uma ética do testemunho, focada na responsabilidade e no cuidado (Seligmann-Silva, 2018). Dessa forma, primeiramente sistematizamos de maneira genérica o uso de fontes na cobertura jornalística do desastre de Muçum para depois analisar o papel dos testemunhos, avaliando o efeito de presença (Peres, 2018) e os sentidos políticos (Lage, 2018) acionados.

Utilizamos o termo “fonte” no sentido de agentes jornalísticos sociais não necessariamente passivos (Carvalho, 2023), pois atuam nas disputas em torno das definições dos sentidos dos desastres. Consideramos as fontes ativas e interessadas, embora precisemos pontuar que é o campo jornalístico quem determina suas formas de participação nas matérias com base tanto na produtividade deste agente social, quanto em estratégias midiáticas já internalizadas e/ou rotinizadas de como uma história deste tipo deve ser contada.

Temos o propósito de apresentar uma interface teórica que discuta o papel e as potencialidades dos testemunhos na cobertura jornalística de um desastre socioambiental para sinalizar como estes acionamentos podem produzir uma nova sensibilidade. Empiricamente, detectamos como diferentes atores sociais foram acionados pelo jornalismo para relatar este evento extremo (Milanetti, 2023).

É importante referir que a designação dos eventos como extremos varia conforme o ponto de vista que se adota – pelo viés da meteorologia, da engenharia ou da sociologia. Conforme Marchezini *et al.* (2023, p. 16), os eventos extremos de tempo se caracterizam pela “variação inesperada das condições instantâneas da atmosfera e a sucessão desses eventos provoca mudanças imprevistas na componente climatológica local, configurando os extremos de clima”. Já na abordagem da engenharia, os eventos extremos “são discutidos a partir da correlação dos limiares dos eventos naturais (meteorológicos e climáticos) aos impactos associados” (Marchezini *et al.*, 2023, p 16.).



Na sociologia, há a contribuição à definição de eventos extremos considerando “as dinâmicas sociais e identificando os processos geradores de vulnerabilidade que expõem as comunidades a situações de risco” (Marchezini *et al.*, 2023, p 16). No caso analisado, todas as definições de evento extremos se aplicam e o relato de quem passou por esta experiência assumiu importante lugar na configuração pública deste acontecimento.

Com base em Lage (2018), Peres (2021), Frosh e Pinchevsky (2009), refletimos sobre a comunicabilidade da experiência por intermédio dos testemunhos numa perspectiva relacional (França, 2016). Os testemunhos midiáticos são configurados pelo jornalismo em diferentes camadas e movimentos que visam, por exemplo, à comprovação da verdade e ao efeito de presença, mas também à estratégia de afetação e de aproximação com o outro.

Analisamos a cobertura jornalística da primeira semana do desastre dos jornais impressos Zero Hora e Correio do Povo, os dois mais importantes jornais do estado do RS⁴. Metodologicamente, fizemos dois movimentos: a) um mapeamento e quantificação dos tipos de fontes que tiveram suas manifestações literais publicadas pelos jornais; b) uma análise do papel das fontes testemunhais que tiveram suas manifestações literais publicadas, com base em categorias inspiradas pela literatura sobre o tema.

Atores sociais e papel dos testemunhos no jornalismo: as escolhas políticas

Uma das funções mais importantes do jornalismo é a sua capacidade de oferecer inteligibilidade e conhecimento sobre a realidade que nos cerca. E isso, muitas vezes, ocorre por meio da diversificação e das formas de compreender experiências plurais (Jácome, 2023). É importante lembrar do jornalismo como vitrine de visibilidade pública (Gomes, 2004), com especial destaque a atores sociais que o habitam e a sua função como grande ator da cena pública – com potência para narrar e gerar conflitos, debates e consensos (Carvalho, 2023). Segundo Carvalho (2023, p. 25), é essencial

⁴ O Correio do Povo tem a média diária de circulação impressa de 51.580 exemplares, sendo o 5º jornal do país em assinantes. Consulta disponível em https://portal.correiodopovo.com.br/Publicidade/pdf/Tabela_PublicidadeLegal_2023.pdf. Acesso em 24.abr.2024. Já Zero Hora tem uma circulação de 34.738 exemplares, segundo dados do IVC de 2023, citados pelo portal Poder 360. Ao passo em que a tiragem de impressos cai, a assinatura do jornal digital cresce, com 114.203 assinaturas. Fonte consultada em <https://www.poder360.com.br/midia/comassinatura-barata-jornais-turbinam-digital-em-2023/>. Acesso em 24.abr.2024.



“reconhecer a pluralidade que se oculta na referência ao jornalismo no singular”, considerando seu viés de compromisso ético com a sociedade. Por sua vez, o Jornalismo também lança mão de fontes jornalísticas para narrar e elas se referem a pessoas, organizações, grupos sociais ou referências que estão envolvidas direta ou indiretamente a fatos e eventos e de quem jornalistas obtêm informações para transmitir ao público (Schmitz, 2011).

Contudo, é notável o quanto os testemunhos têm sido utilizados para relatar jornalisticamente os desastres com uma perspectiva sensível, vide trabalhos realizados por Motta e Amaral (2019). Como pontuam Amaral e Lozano Ascencio (2015), os testemunhos, por meio do jornalismo, participam da organização pública do caos e configuram o acontecimento.

Não pretendemos historicizar o uso dos testemunhos no jornalismo, já que ele integra relações de diferentes ordens como o desenvolvimento da vida moderna e as coberturas de guerras. Sua trajetória é múltipla, pois o uso dos testemunhos foi também potencializado com experiências de outras áreas como o desenvolvimento da história oral e o surgimento dos gravadores de voz. Citamos apenas alguns marcos que interessam para esta reflexão.

Quanto ao testemunho das vítimas, podemos relacionar nossa reflexão com a guinada subjetiva no jornalismo, que se estabelece na área a partir da década de 1970 como uma forma de dar “voz, por meio do testemunho, aqueles até então excluídos dos discursos majoritários” (Serelle, 2009, p. 39). Mas é a *Shoah* (holocausto) que se legitimou, em uma de suas faces, pelo “testemunho da experiência vivida no horror das grandes guerras ou dos regimes totalitários, ou seja, em casos limites” (Id. *Ibidem*). Posteriormente, veremos a compreensão do testemunho nas histórias acerca das ditaduras latino-americanas e do terrorismo de Estado (Sarlo, 2006, p. 33) e, com os reflexos na contemporaneidade, do registro jornalístico do 11 de setembro, em que milhões de expectadores foram testemunhas, através da mídia e das imagens compartilhadas, dos atentados contra as Torres Gêmeas (Frosh, Pinchevski, 2009). Portanto, como aponta Peres (2021, p. 26), o jornalismo proporcionou o surgimento de “tessituras menos marcadas pelas convenções do regime realista”, considerando possibilidades de um potencial afetivo, com vias à ação.

Em que pese a objetividade constar como princípio do jornalismo há muitos anos ao estilo positivista e, às vezes, como ritual estratégico (Aguilar, 2008; Tuchman, 1999), a guinada subjetiva dos testemunhos dá vazão “a uma série de relatos



jornalísticos em primeira pessoa, em que a perspectiva do sujeito não apenas molda a matéria narrada, mas a própria experiência do narrador torna-se parte do fator a ser comunicado” (Serelle, 2009, p. 39).

Um dos intelectuais que refletem sobre o elemento histórico dos testemunhos, como já apontado é Seligmann-Silva que destaca como algo que pode ser visto em convergência com a guinada subjetiva do jornalismo, os pressupostos da virada testemunhal, numa perspectiva decolonial do saber histórico, registro que considera o reconhecimento do testemunho pós-colonial em que o corpo e a sua localização são vistos como constructos de narrativas dos “espezinhados” socialmente, dos que sofrem, com vistas a novas epistemologias (Seligmann-Silva, 2022). Tal conceituação já vinha sendo concebida pelo autor em outros trabalhos sobre testemunho, conforme definição que segue:

(...) o testemunho deve ser compreendido tanto no sentido jurídico e de testemunho histórico - ao qual o *testimonio* tradicional se remete nos estudos literários - como também no sentido de "sobreviver", de ter passado por um evento-limite, radical, passagem essa que foi também um "atravessar" a "morte", que problematiza a relação entre a linguagem e o "real"(Seligmann-Silva, 2003, p. 8).

Etimologicamente, interessa-nos a acepção de testemunhos em latim quanto ao significado de *superstes*, associado “a um tipo de discurso relacionado aos ‘sobreviventes’, indivíduos ou grupos sociais que viveram situações de choque e necessitam de espaço para contar a sua experiência” (Peres, 2017, p.1).

Mas, diante desses teóricos, o que a área do jornalismo pode apresentar para a compreensão do papel dos testemunhos em casos como o do desastre de Muçum? Conforme Frosh e Pinchevski (2009), como dimensão social sensível, o jornalismo dá voz aos que sobreviveram, colocados como únicos ao narrarem o que passaram, atuando na “perpetuação das narrativas de sobreviventes, capturando cada testemunho singular para o benefício das gerações futuras” (Idem., p. 4). A mídia tem o poder de reproduzir e/ou reconfigurar os testemunhos, em função do aparato tecnológico que domina, reiterando e disseminando conteúdos e contribuindo para a popularização sobre a figura desse “sobrevivente”. Os autores relacionam o testemunho como uma “lacuna” que merece ser memorada diante da ausência do fato gerador que já passou ou que, se simultâneo, passa. Nesse sentido, cria aproximação a uma situação distante, mas que merece o status de ser relatada. No que tange ao caráter político do que reproduzem, os meios de comunicação são os *gatekeepers*,



responsáveis por controlar a repetibilidade dos eventos: eles podem reproduzir as imagens e transmiti-las em larga escala quando quiserem. “Esta é claramente uma instituição política do testemunho da mídia contemporânea, que informa como os mundos testemunhados são representados enquanto compartilhados e quem pode retratar/representá-los e aparecer neles” (Ibidem., p. 11). Da reflexão destes autores, que se dedicam a entender o testemunho enquanto *media witnessing* – o testemunho “na”, “pela” e “através da” mídia, nos interessa em especial o testemunho “na”, ou seja, a presença de testemunhas e seus relatos em uma reportagem. Na mediação realizada pelo jornalismo, os testemunhos aparecem em espaços concedidos (Motta, 2022; Motta, Amaral, 2019); isso porque, como afirmam Amaral e Lozano Ascencio (2015, p. 256), “o testemunho só provocará a razão crítica e a dimensão social do entorno do desastre se a narrativa jornalística assim permitir”. Por isso, aqui a chave ética entra como uma responsabilidade do jornalismo, uma vez que não basta apenas dar espaço, mas trabalhar com sensibilidades que podem, pelo silenciamento ou pela forma que narram, re-traumatizar ainda mais os afetados – exigindo uma ética do cuidado (Seligmann-Silva, 2023; Lage, 2018).

Seligmann-Silva (2018) discute a “ética do cuidado” a partir da ideia de fragilidade do corpo humano, em que os seres humanos são reconhecidos pela sua natureza intrinsecamente frágil, considerando o progresso enquanto barbárie, a partir de Walter Benjamin, ao assumir o ponto de vista das vítimas, dos esquecidos, do sofrimento. Dessa forma, o sentido de compaixão pelo outro é uma resposta por gerar identificação por meio da empatia de histórias fruto das destruições a exemplo das guerras, genocídios e catástrofes.

A dimensão política do testemunho está relacionada a um senso moral, em que os indivíduos são selecionados para serem testemunhas. Assim, segundo Lage (2018), “trata-se de perceber o que intervém na escolha dos testemunhos que valem a pena serem narrados e assistidos” (Lage, 2018, p. 133). Afinal, o Jornalismo faz escolhas entre o que entra na sua narrativa e o que fica fora. E aqui, no caso analisado, é importante notar os testemunhos de quais vítimas importaram para a mídia.

[...], está em questão o trabalho seletivo da mídia, responsável por eleger testemunhos, por um lado, e *accounts of experiences*, por outro, mas também o lugar dos públicos em sua capacidade de construir uma forma afetiva e efetiva de participação no sofrimento dos outros. O testemunho é assim tomado não apenas como o que distribui um ‘nós’ e um ‘eles’, mas também como o que apresenta vítimas e opressores a partir de um pano de fundo moral (Lage, 2018, p. 133).



Uma consequência desse senso moral que concerne principalmente ao testemunho pelas mídias jornalísticas, isto é, à relação entre a instância midiática, seus atores e os sujeitos narrativamente inscritos de maneira a dar testemunho, é a assimetria entre jornalistas e sujeitos sofredores. Isso se evidencia na distribuição de lugares e papéis no contexto do testemunho (Lage, 2013).

Diante disso, entre as especificidades do testemunho no que tange aos seus potenciais políticos, estão o “compartilhamento de emoção”, “a partilha de responsabilidade” e “a forma de engajamento” (Lage, 2018, p. 134). Para essa reflexão Lage (2018) se ancora em Sue Tait (2011). No “compartilhamento de emoção”, há o apelo à audiência por meio da afetação do outro, em que o testemunho midiático compele “os espectadores a assumirem a responsabilidade pelo sofrimento dos outros”, gerando “emoções que ensejam a moralização da ação pública” (Lage, 2018, p. 134). A “partilha de responsabilidade” está na obrigação moral colocada àqueles que assistem alguém sofrer e, diante disso, sentem responsabilidade sobre o que estão vendo. E a “forma de engajamento” é que tais testemunhos chamam à ação, afetando os outros por um senso de solidariedade, uma vez que a audiência, exposta ao testemunho midiático, tem a possibilidade de “se imaginar naquelas situações” de sofrimento (Lage, 2018, p. 134).

Nessa direção, é importante mencionar que “o testemunho midiático, então, insinua-se como um terreno propício à mobilização de respostas afetivas e mesmo políticas em relação a situações ou experiências de sofrimento” (Lage, 2018, p. 134). Ou seja, ao narrar, o jornalismo promove uma aproximação e busca uma afetação sobre o que comunica.

Reconstituição e efeito de presença

O ponto de partida para a compreensão do uso de testemunhos na narrativa jornalística é a reconstituição do ocorrido. Para Peres (2017), que trabalha sobre a perspectiva de lacuna do real sobre o que um testemunho passou e o que é relatado, este espaço temporal entre o acontecimento e a narrativa rememorativa do testemunho deixa um intervalo. Por isso, ao buscar atualizar as informações sobre o ocorrido, o jornalismo exerce um efeito de presença.

A concepção de comunicação relacional nos ajuda a entender a importância dos testemunhos no Jornalismo, a considerar que a dimensão comunicativa que



analisamos é do terreno do sensível que direciona o olhar sobre essa forma peculiar de narrar aliada a um senso maior de agenciamento humano, natureza simbólica da linguagem, reflexividade e recursividade do processo, como refere França (2016). O aspecto relacional da comunicação é definido da seguinte forma: “a comunicação é um processo de globalidade, em que sujeitos interlocutores, inseridos em uma dada situação e através da linguagem, produzem e estabelecem sentidos, conformando uma relação e posicionando-se dentro dela” (França, 2016, p. 158). Tal perspectiva, inspirada em Louis Queré, distingue um caráter interativo da linguagem, mediada pelo simbólico ao estilo proposto por George Mead, afirma França (2016). Tal fundamento é resultado de pressupostos que distinguem elementos dos testemunhos: a capacidade de afetação, porque “estamos continuamente afetando e sendo afetado pelos acontecimentos, pelas pessoas, pelos objetos” (p.160), o fato de que “experenciamos com os meios de comunicação”, promovendo outras formas de experiência (p.161) e a relação por meio da comunicação, em que “nos construímos como sujeito social” (p. 163). Esses elementos, defende a autora, são formas de nos relacionar com a realidade na comunicação enquanto fenômeno em movimento.

Peres (2021, p. 28) ressalta a dimensão relacional do testemunho quando considera o Jornalismo fundado na noção de “encontro com o Outro”. É o testemunho como ferramenta de reconstituição do acontecimento.

É o texto testemunhal, portanto, que indica aos leitores que o evento deve ser considerado real não exatamente porque o repórter esteve no local, mas porque reconstituiu o acontecimento pelo testemunho de terceiro e/ou a partir de seus rastros. E sendo assim, sugerimos, o que o testemunho perde em autenticidade, ganha em seu potencial dialógico (Peres, 2021, p.29)

Além do potencial dialógico, esse aspecto relacional do testemunho é o que interessa uma vez que que “isso exige que nos concentremos na relação entre ‘texto testemunhal’ – levando em conta aqui o modo como a narrativa reconfigura o acontecimento sem aprisioná-lo – e o público que o acessa” (Peres, 2021, p. 30). Afinal, é “na narrativa que o efeito de presença se configura”, o que torna possível ao público experimentar a experiência (Peres, 2021, p. 32).

O efeito de presença é reconstruído na forma de rastros, “desde bastidores e notas do repórter até a costura que faz das vozes em cena, pensamentos, elucubrações ou o máximo de detalhes” que dão força aos relatos (Peres, 2021, 32). Trata-se de implicar o leitor e, por isso, nenhuma escolha é aleatória, o que se busca é sensibilizar



o leitor: “inclusive ou principalmente o uso das aspas – nessas tomadas pelo trauma ou pelo sofrimento também cabe ao jornalismo selecionar as características que deseja evidenciar” (Peres, 2021, p. 33). Esse processo mostra traços que compõem o conteúdo essencial do que se quer transmitir com o objetivo de afetar quem lê o texto, o que resulta em uma humanização e corporificação por meio do jornalismo ao mostrar os testemunhos.

Questões metodológicas

O ciclone que ocasionou a tragédia ocorreu na segunda-feira, dia 04/09/2023, e a demora na cobertura pelos veículos impressos foi a dificuldade em chegar até o local diante das interdições das estradas pelas águas. As primeiras notícias sobre o desastre de Muçum só começaram a ser noticiadas pelos jornais Zero Hora e Correio do Povo em 06/09/2023, na quarta-feira, quando a imprensa teve maior contato com os atingidos. Desta maneira, as fontes testemunhais foram ainda mais caras para a compreensão do fio da história e de sua gravidade.

Considerando as datas de publicação pelos jornais, analisamos quantas fontes participaram desta cobertura com manifestações literais (entre aspas), mais para termos uma ideia da importância das fontes testemunhais entre as demais. Coletamos 67 trechos discursivos (26 de Zero Hora e 41 do Correio do Povo) entre os dias 06 e 12/09/2023.

Optamos por analisar as citações literais das testemunhas pinçadas pelo relato jornalístico, cientes de que são “ditos” reintegrados a um novo ato de enunciação, como explica Charaudeau (2006). Ou seja, o testemunho na mídia não necessariamente é fiel à manifestação individual do sofrimento. Acaba por assumir outras funções também até porque convive com as declarações de outras fontes. A decisão pelas citações literais é um recorte que se justifica porque potencializa o relato testemunhal ao funcionar estrategicamente como um discurso de prova de autenticidade e de verdade (Charaudeau, 2006)

Aplicamos um protocolo que classificou as matérias segundo: o nome do jornal, data, o título, a tipificação da fonte ouvida e o trecho entre aspas publicado. A seguir, com base em Lage (2018), classificamos os trechos dos testemunhos em três categorias, a saber: “forma de engajamento e participação política”, ou seja, testemunhos em que os atingidos manifestam como foram as horas de espera de resgate ou ajuda;



“compartilhamento de emoção que enseja moralização”, que se refere ao choque vivido pelos atingidos; e “partilhamento de responsabilidade”, relatos que referem ou refletem elementos quanto à responsabilidade do ocorrido.

Os atores sociais e o caráter político dos testemunhos do desastre de Muçum

No total, foi identificado o uso de 09 tipos de fontes diferentes pelos dois jornais, sendo 05 dessas fontes acionadas em Zero Hora e 07 no Correio do Povo. Destas fontes, 37 foram não testemunhais e 30 testemunhais. Os jornais publicaram 67 citações literais destas pessoas, às vezes mais de uma da mesma fonte. Destas, 35 citações literais foram de fontes não testemunhais (09 de Zero Hora e 28 de Correio do Povo) e 30 de fontes testemunhais (17 de Zero Hora e 13 do Correio do Povo).

QUADRO 01: Número de citações literais de fontes não testemunhais nas matérias dos jornais Zero Hora e Correio do Povo

FONTES/JORNAIS	ZERO HORA	CORREIO DO POVO
Autoridades militares	05	01
Especialistas em trauma	02	02
Autoridades políticas locais	01	0
Especialistas voluntários	01	0
Autoridades políticas estaduais	0	10
Autoridades políticas federais	0	10
Autoridades políticas regionais	0	04
Autoridades judiciárias	0	01
Subtotal	09	28
Total de fontes não testemunhais	37	

Fonte: as autoras

Schmitz (2011) trabalha uma classificação das fontes em uma série de papéis, sendo os principais oficiais, institucionais e especializados. Dessa forma, neste estudo, as fontes oficiais, especialmente as políticas tiveram papel predominante de prestar apoio e solidariedade, e de planejar a reconstrução da cidade. Já as fontes especializadas se referiram a pessoas que trabalham com suporte psicológico e voluntários que estavam auxiliando as pessoas vítimas da enchente. As fontes institucionais serviram também como apoio, mas representavam uma organização institucional em específico. É fundamental ressaltar que consideramos como fontes



oficiais, institucionais e especializadas (não testemunhais) as que não foram afetadas diretamente pelo desastre. Aquelas que apesar de seu cargo ou expertise foram afetadas, consideramos como fontes testemunhais. Afinal, em uma cidade pequena, que foi quase totalmente submersa, as autoridades locais passaram a se comportar como testemunhais.

Em Zero Hora, foram 06 citações literais de fontes oficiais, 02 de fontes especializadas e 01 de fonte institucional. Já o Correio do Povo, utilizou muito mais das fontes oficiais. No relato da tragédia, temos 26 citações literais de fontes oficiais, incluindo uma judiciária com um posicionamento do Ministério Público Federal sobre mitigação de situações como o que ocorreu; e 02 de fontes especializadas.

QUADRO 02: Classificação em fontes oficiais e especializadas nas matérias dos jornais Zero Hora e Correio do Povo

FONTES / JORNAIS	ZERO HORA	CORREIO DO POVO
Fontes Oficiais	06	26
Fontes especializadas	02	02
Fonte institucional	01	0
Subtotal de fontes não testemunhais	09	28
Total de fontes não testemunhais	37	

Fonte: as autoras

Na edição conjunta de fim de semana dos dias 9 e 10 de setembro de 2023, por exemplo, Zero Hora publicou o seguinte relato como fonte não testemunhal de autoridade militar que estava realizando atividades de ajuda e busca aos sobreviventes. Trata-se do Comandante Especial de Busca e Salvamento do Corpo de Bombeiros do RS, tenente-coronel Ricardo Mattei:

"Estamos em uma fase de apoio, restabelecimento e as buscas às pessoas desaparecidas. Nós temos um número que nos foi passado e pontos e localidades de onde elas teriam desaparecido. Ainda em alguns pontos existem comunidades que estão ilhadas" (Zero Hora, 09 e 10/09/2023, p. 10).

No Correio do Povo, temos uma diferenciação bastante destacada em relação a ZH. Este jornal deu maior visibilidade a atores políticos, principalmente, da esfera estadual, na pessoa do governador do RS, Eduardo Leite, e federal, com destaque a ministros e secretários. Um exemplo é a declaração do ministro da Integração e



Desenvolvimento Regional, Waldez Goés, como segue enquanto fonte da esfera da política federal:

"O presidente Lula nos garantiu que não faltarão recursos para nenhum município que esteja passando ou tenha passado por qualquer desastre e isso eu reafirmo aqui, sem ter a menor dúvida", afirmou o ministro (Correio do Povo, 07/09/2023, p. 11).

Embora sejam de esferas distintas, esses relatos de ambos os jornais são pautados pela oficialidade dos cargos e pela tecnicidade inerente à posição que ocupam. Eles demonstram a mobilização política na tentativa de solucionar os problemas que se apresentaram após a inundação e isto é algo comum nos dois jornais.

Já as fontes especializadas se dedicaram a se posicionar no sentido de prestar suporte psicológico e auxílio às vítimas.

No primeiro, temos o relato da psicóloga especialista em emergências de desastres da Rede de Apoio Psicossocial (RAP), em que ela conta como está sendo feito esse trabalho e em que situação específica.

"Estamos conseguindo estender todo o cuidado dessas vítimas do Vale do Taquari até Porto Alegre, já que famílias seguem na Capital para realizar o reconhecimento dos corpos encontrados", afirmou (Correio do Povo, 11/09/2023, p. 12).

Em Zero Hora, um integrante de uma ONG deu o seu relato de como está sendo prestado o auxílio às vítimas ao conseguir chegar em Muçum, sendo uma fonte institucional por representar uma organização.

"Esse treinamento é fundamental para que as pessoas estejam preparadas, mas também reduz muito o medo de ficar morando aqui", diz Chelkanoff (em referência aos cursos de liderança e protocolos de risco que a ONG V Volunteer ministra)" (Zero Hora, 12/09/2023, p. 6).

Quanto às fontes testemunhais, Zero Hora traz 17 relatos e o Correio do Povo, 13, totalizando 30 manifestações literais.

No aspecto relacional, o tom emocional dos dois jornais parece ter buscado gerar maior sensibilização e afetação do público. Outra coincidência entre as publicações foi que os acionamentos do caráter político dos testemunhos seguiram a mesma ordem, sendo a busca do engajamento e o compartilhamento de responsabilidades as classificações apresentadas em sequência à de cunho emotivo. Vejamos como se distribuíram os testemunhos nos jornais a seguir:

**QUADRO 03:** Classificação das citações literais testemunhos em Zero Hora e Correio do Povo

CARÁTER DOS TESTEMUNHOS / JORNAIS	ZERO HORA	CORREIO DO POVO	SUBTOTAIAS
Compartilhamento de emoção que enseja moralização	10	07	17
Forma de engajamento e participação política	04	04	08
Partilhamento de responsabilidade	03	02	05

FONTE: as autoras

No que segue, apresentamos sequências de trechos discursivos que exemplificam a tipologia apresentada anteriormente no que se refere aos testemunhos. Em primeiro lugar, chama a atenção que ambos os jornais apresentaram a mesma ordem na prioridade das classificações dos testemunhos, com vantagem de Zero Hora, com 17 testemunhos, enquanto o Correio do Povo apresentou 13. Outra similaridade na cobertura é que esta apresenta uma ordem semelhante de apresentação das notícias, que obedece, logicamente, ao desenrolar do próprio desastre. Assim, temos o relato sobre o momento em que aconteceu a tragédia, o resgate das pessoas e as buscas pelos mortos, a despedida no enterro das vítimas fatais e a reconstrução da cidade.

Em Zero Hora, percebe-se uma priorização maior ao testemunho, dando ênfase a ele desde o início da cobertura. Já o Correio do Povo, vai acionar esse tipo de testemunhos de forma mais tardia e rarefeita.

Na categoria “compartilhamento de emoção que enseja moralização”, os testemunhos expuseram preponderantemente relatos de choque sobre os efeitos, como a destruição e as mortes deixadas pelo desastre. A ênfase é mais sobre o aspecto emocional da tragédia, destacando o desespero das pessoas que, ao terem um espaço de fala, expõem suas emoções, principalmente em relação às mortes ou a como sobreviveram no que compartilham como experiência vivida, conforme segue nos trechos a seguir.

Zero Hora enfatiza como ocorreu a subida do rio e como as pessoas estavam reconstituindo a enchente, considerando o que fariam dali para a frente. Contudo, esse processo é acionado pela emoção, pelo choque diante do que passaram. Essa reconstituição traz um efeito de verdade à notícia, transportando o leitor para o evento em si, e coletivizando a dor sofrida pela população.



“Não esperávamos que o rio subisse tanto. O último aviso era que seriam 2 metros, algo como foi em 2020. Lamentamos muito pela quantidade de pessoas que não tiveram a mesma sorte que nós. Deus nos protegeu. Foi a maior dor que já vivemos na cidade”, comentou Osmar, emocionado” (Zero Hora, 07/09/2023, p. 10).

As lembranças e memórias das vítimas que morreram no desastre também pontuam o tom emocional dos relatos de amigos. Neste trecho, entramos em contato com as lembranças de um dos moradores sobre uma vítima fatal.

“Ela se despedia sempre com as mesmas palavras: saúde, paz e amor. Era sempre bem arrumada, estilosa. Gostava de cozinhar. Tinha sempre uma expressão feliz” (Zero Hora, 11/09/2023, p. 8).

O Correio do Povo também se ancora no testemunho para contar como foi a evolução da enchente. A situação assustou os moradores pela velocidade das águas, em texto com o título “Filme de Terror”.

“Eram umas 18h e a água começou a subir muito rápido, cerca de dois metros por hora” (Correio do Povo, 07/09/2023a, p. 13).

Por outro ponto de vista, o Correio do Povo, em notícia sobre o enterro das vítimas, enfatiza a destruição e o sentimento de tristeza na hora da despedida diante de tantas perdas. A notícia está dentro de uma perspectiva ritual dos desastres, na etapa de enterro dos mortos. O que resta depois da tragédia é o sentimento e uma ideia moral sobre quem sobreviveu e quem morreu.

“Perdemos três pessoas na mesma casa. Ficou tudo destruído, é muito triste”, declarou Jaqueline, que pediu para não que o sobrenome dela não fosse divulgado” (Correio do Povo, 08/09/2023, p. 12)

Sobre a tipologia “forma de engajamento e participação política: a espera de resgate ou de ajuda” temos os relatos até mesmo de pessoas ilhadas no teto de suas casas e o compartilhamento de pedidos de auxílio para reconstruir a cidade. Ambos os jornais publicaram, cada um, quatro testemunhos com esse enfoque.

Zero Hora chegou a utilizar em uma notícia o relato de uma moradora de Muçum que estava ilhada em sua casa, a partir da veiculação da entrevista na Rádio Gaúcha, componente de sua redação integrada de jornalismo. No relato, a sobrevivente esperava com familiares, no telhado o socorro das autoridades, após a sua casa ter sido quase totalmente encoberta pela enchente. Ela estava com filha, genro e netos. O relato saiu em uma notícia sobre o resgate das pessoas feito por meio de helicópteros.



"A gente está muito preocupado. Até agora, que parou de chover, a gente está mais descansado. Mas estamos esperando resgate. Desde às 10h (22h de segunda-feira) que nós estamos aqui em cima' - informou para a jornalista Viviane Fronza" (Zero Hora, 06/09/23, p. 11).

Em outro momento da cobertura, a fala de uma testemunha evidencia a necessidade de ajuda da comunidade diante do desastre. O relato mostra o receio de ficarem abandonados depois que a atenção pública à tragédia passar.

"As pessoas de fora foram embora, aquela comoção inicial vai diminuindo. E a gente continua aqui, sem supermercado, sem banco, sem saber se ainda tem emprego" (Zero Hora, 12/09/23, p.6).

No Correio do Povo, o relato é por ajuda a partir do compartilhamento de uma descrição da situação caótica em que se encontra a cidade. É por meio de parentes e pessoas de fora que ocorre a ajuda. Essa é uma forma de sensibilizar a população em geral sobre Muçum, especialmente porque nesse período uma série de correntes de solidariedade se formava ou já estava formada. Além disso, ao lembrar que lojas foram saqueadas, a testemunha expõe a necessidade de que as autoridades ajam.

"Está um caos, não conseguimos comunicação, internet, não temos comida nem água potável, todos os mercados foram afetados, dependemos de parentes e pessoas de fora', lamenta ao lembrar que lojas chegaram a ser saqueadas." (Correio do Povo, 07/09/2023a, p. 13).

O jornal também mostra como as pessoas estavam lidando com a situação precária. Nesse sentido, direcionava para a necessidade de constante ajuda, dali para a frente, que iriam precisar.

"Precisamos começar a lavar as ruas, a lavar as residências, pra gente começar a reorganizar a cidade" (Correio do Povo, 07/09/2023b, p. 13).

Por fim, na "partilha de responsabilidade", verificamos testemunhos em que aparecem as justificativas para o ocorrido. Essas justificativas tentam explicar como tudo aconteceu e evidenciam o despreparo para a enchente.

Em Zero Hora, é o prefeito, que ocupa o duplo papel de autoridade política que também é testemunha, quem vocaliza a inaptidão administrativa diante do desastre



para socorrer as vítimas. Pelo seu cargo político, o viés de prestação de contas sobre a tragédia é ainda mais evidente.

"Não tivemos equipes de resgate suficientes e as equipes não tinham como acessar os locais porque as correntezas estavam muito fortes. Aconteceu o que era o maior temor que a gente tinha. Estamos arrasados', lamentou o prefeito." (Zero Hora, 06/09/2023a, p. 7).

Em outro momento o prefeito informa sobre os (as) desaparecidos (as) da tragédia. O informe dá conta ainda da possibilidade de o número de vítimas aumentar.

"Temos muitos desaparecidos ainda, então a tendência é este número aumentar" (Zero Hora, 06/09/2023b, p. 10).

Por sua vez, o Correio do Povo mostrou a incapacidade de as pessoas ajudarem umas às outras no socorro. A descrição de um morador sobre um momento da enchente retrata a experiência da tragédia.

"Era triste porque as pessoas batiam na parede a noite inteira e a gente não tinha com socorrer. Não tinha barco, não tinha nada', relata Moisés." (Correio do Povo, 07/09/2023a, p. 13).

O ineditismo da tragédia também foi mostrado no partilhamento de responsabilidade. Isso evidencia que a enchente pegou toda a população despreparada.

"Nunca teve uma enchente como essa. Moro aqui há 30 anos, por isso que ninguém estava preocupado com isso" (Correio do Povo, 07/09/2023a, p. 13).

Entender o elemento que justifica que o jornalismo lance mão de alguns atores sociais nos permite verificar a diversificação e uma maior compreensão sobre experiências plurais. Assim, nota-se que, nesse quesito, ambos os jornais realizaram uma cobertura similar em geral quantos aos testemunhos, mas com algumas diferenciações marcantes. Ambos acionaram de forma similar os testemunhos pelo desastre, com Zero Hora apresentando 17 testemunhos e o Correio do Povo, 13. Ainda assim, podemos afirmar que ZH praticou um jornalismo com mais testemunhos, enquanto o Correio do Povo optou por falas de autoridades em sua maioria.

Considerações finais



É difícil inferir se o acionamento de testemunhos se trata de uma estratégia midiática com efeitos patêmicos visados ou simplesmente a abordagem faz parte de um *habitus* ou cultura jornalística que determina esta angulação. Conforme Mendes (2010, p.9), um efeito patêmico “tem por objetivo engajar a instância da recepção num tipo de performance possível no mundo dos afetados, gerando ou não um posicionamento” (Mendes, 2010, p. 9). Afinal, informação e emoção se mesclam no processo de comoção diante de desastres como este. Nota-se que os movimentos de convocação de testemunhas para darem seu depoimento no auge de um desastre obedecem a lógicas distintas. Os testemunhos compensam o fato de o jornalista não estar no local e reconstituem o acontecimento, ao mesmo tempo que demonstram as emoções sentidas pelos afetados que se tornam também estratégias de captação da audiência, bem como podem também acrescentar um potencial político de gerar maior sensibilização com as questões sociais e ambientais envolvidas no desastre.

Sobre as categorias e seus potenciais políticos, destaca-se que a mais acionada delas, “Compartilhamento de emoção que enseja moralização”, explica-se justamente por ser a categoria que evidencia o relato do sofrimento vivido pelas vítimas do desastre e isso foi valorizado pela narrativa dos dois jornais, mas mais em Zero Hora. No que tange à categoria “Forma de engajamento e participação política: espera de resgate ou de ajuda”, nota-se os jornais lançando mão de uma estratégia de, por meio dos testemunhos, mostrar que aquelas pessoas precisavam de ajuda urgente e isso foi valorado da mesma forma pelas duas publicações. Já a categoria “Partilhamento de responsabilidade” demonstrou, sobretudo, a incapacidade de responder à tragédia em tempo de salvar vidas, explicando porque ela foi tão grave e violenta. Essa categoria apresentou uma ligeira preponderância em Zero Hora se comparado ao Correio do Povo.

Algumas questões subjacentes a ambas as coberturas são interessantes de pontuar. O prefeito de Muçum é o testemunho mais acionado. O acionamento de testemunhos repetidos como do prefeito foi uma estratégia dos jornais para reconstituir o que aconteceu na cidade, embora tenha havido a participação da população atingida para dar enfoques diferenciados sobre o que ocorreu. Interessante pontuar que no uso do depoimento deste agente social, mesclam-se a confiança em uma fonte que em outro momento seria apenas “oficial” com a experiência de alguém afetado como um cidadão comum. Ou seja, o tom testemunhal não tem relação direta com o papel social da fonte.



Já o efeito de presença do jornalismo foi feito preponderantemente por meio de testemunhos emocionados com as perdas, que, ao compartilharem seus relatos, demonstram estarem chocados com o desastre. A experiência do ocorrido tematizou a maior parte dos testemunhos, com os atingidos relatando como viam as vítimas fatais, como estavam na hora da enchente e o que fizeram para sobreviver. Essa foi uma forma de aproximar os leitores das lentes do que ocorreu de fato no dia da enchente.

Avaliamos que, mesmo que a emoção como afetação da audiência tenha dado a tônica de todos os enfoques escolhidos, o acontecimento do desastre por si só já tinha variados elementos de interesse, fazendo com que Zero Hora não tenha forçado uma espetacularização maior sobre a dor alheia, limitando-se a reconstituir o fato por meio do olhar dos atingidos pelo desastre, enquanto o Correio do Povo teve ainda mais moderação, optando preponderantemente pela visibilidade a fontes como autoridades políticas de diferentes esferas. Sobre as fontes, nota-se, portanto, que Zero Hora optou preponderantemente pelas de cunho militar, enquanto o Correio do Povo deu mais visibilidade às de cunho político.

A partir de Peres (2021), concluímos que, mediante a lacuna entre experiência e discurso, os testemunhos não só trouxeram efeitos de verdade presumida, mas também efeitos de presença com rastros de subjetividade que viabilizaram o compartilhamento de uma experiência. Mostramos como as rotinas jornalísticas apresentaram o papel do testemunho com base na reconstituição do acontecimento e na busca da verdade, mas também apontamos pistas de como as experiências dos afetados, ao serem configuradas midiaticamente, também colocaram sujeitos em relação numa construção partilhada da experiência.

Referências:

AMARAL, M.; MOTTA, J.; SOUZA, E. Comoção pública e os testemunhos da destruição, da urgência e do sofrimento. **Revista Eco-Pós** (online), v. 25, p.24-47, 2022.

AMARAL, M.; MOTTA, J. O papel das vítimas nas narrativas jornalísticas sobre o desastre em Mariana. **Lumina**, v.12, p. 40-58, 2018.

AMARAL, M.; ASCENCIO, C. Palavras que dão a volta ao mundo: a personalização das catástrofes na mídia. **Revista Latinoamericana de Comunicación**, n. 130, dezembro, 2015, 243-258.

AGUIAR, Leonel. Entretenimento: valor-notícia fundamental. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Florianópolis, v.5, n.1, p.12-23, 2008.



CARVALHO, Carlos Alberto de. **O jornalismo, ator social colonizado e colonizador**. Curitiba: CRV, 2023.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

Correio do Povo, 2023. **Muçum: Cerimônia se despede das vítimas em cidade vizinha**. Notícia publicada no jornal impresso na página 12 em 11.set.2023. Acesso em 03.fev.2024.

Correio do Povo, 2023. **Buscas por corpos em meio ao caos**. Notícia publicada no jornal impresso na página 11 em 08.set.2023. Acesso em 03.fev.2024.

Correio do Povo, 2023. **Cerimônia se despede das vítimas em cidade vizinha**. Notícia publicada no jornal impresso na página 12 em 07.set.2023. Acesso em 03.fev.2024.

Correio do Povo, 2023a. **No epicentro da tragédia – “Filme de terror”**. Notícia publicada no jornal impresso na página 13 em 07.set.2023. Acesso em 03.fev.2024.

Correio do Povo, 2023b. **No epicentro da tragédia – Muçum está sem o básico devido à destruição de supermercados e farmácias**. Notícia publicada no jornal impresso na página 13 em 07.set.2023. Acesso em 03.fev.2024.

FRANÇA, V. O objeto e a pesquisa em comunicação: uma abordagem relacional. IN: MOURA, C.; LOPES, M.I.V. (Orgs.) **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

FROSH, Paul; PINCHEVSKI, Amit. **Media witnessing: Testimony in the Age of Mass Communication**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009.

GOMES, W. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.

GONÇALVES, J. F. Quem fala no jornalismo? In: LEAL, B. S. ANTUNES, E.; VAZ, P. B. (Orgs.) **Para entender o jornalismo**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014.

JÁCOME, Phellipy. As experiências precárias e potentes dos saberes jornalísticos. In: CARVALHO, Carlos Alberto de. **O jornalismo, ator social colonizado e colonizador**. Curitiba: CRV, 2023.

LAGE, L. As implicações políticas do testemunho midiático: breve trajetória conceitual. In: Martinez, M.; Lago, C. e Storch, Laura. **Direitos Humanos e Pesquisa em Jornalismo**. São José do Rio Preto, SP: Balão Editorial, 2018.

LAGE, L. O testemunho do sofrimento como problema para as narrativas jornalísticas. **Revistas Contracampo**, v.27, n.2, ed. ago-nov, 2013. Niterói: Contracampo, 2013.

LABORÉ, B., AGUIAR, V. **Vale do Taquari (RS) sofre com inundações 2 meses após ciclone devastar a região**. Notícia publicada no site da CNN Brasil em 18.nov.2023, disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/vale-do-taquari-rs-sofre-com-inundacoes-2-meses-apos-ciclone-devastar-a-regiao/#:~:text=O%20Vale%20do%20Taquari%20foi,foram%20afetadas.%20943%20ficaram%20feridos>. Acesso em 24.nov.2023



MARCHEZINI, V., et al. O que são eventos extremos? Uma reflexão sobre as diferentes perspectivas do termo. **Revista ClimaCom**, Desastres / pesquisa – ensaios/ ano 10, n.25, 2023.

MENDES, E. Prefácio. In: MENDES, E; MACHADO, I. L. (orgs.) **As emoções no discurso**. Campinas, SP, Mercado das Letras, 2010

MILANETTI, Alexandre. **Pesquisa inédita da Unifesp revela aumento dos eventos extremos de temperatura do ar na costa do Brasil**. Notícia do site Ambiental 24h publicada em 27.abr.2023. Disponível em <https://ambiental.t4h.com.br/em-foco/pesquisa-inedita-da-unifesp-revela-aumento-dos-eventos-extremos-de-temperatura-do-ar-na-costa-do-brasil/> Acesso em 15.out.2023.

MOTTA, J. **O testemunho de urgência nas coberturas de tragédias: funções autorizadas pelo telejornalismo**. 2022, 158f. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM, Santa Maria, 2022.

MOTTA, J.; AMARAL, M. Os lugares concedidos aos testemunhos nas narrativas televisivas de tragédias. In: Bruck, M. S.; Oliveira, M. E.; Morais, J. M. **Testemunhas e Testemunhos do Contemporâneo**. Belo Horizonte: PUC- MG, 2019.

MOTTA, J. A cobertura ao vivo do caso Kiss: especificidades do rompimento das rotinas profissionais. In: **I Simpósio Internacional de Comunicação- SIC** (Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Campus Frederico Westphalen), 2016, Frederico Westphalen/RS. I Simpósio Internacional de Comunicação- SIC, 2016.

PERES, A. Jornalismo testemunha lacunar da história. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. V. 18, n.1, Jan/Jun 2021

PERES, A. A LACUNA: o esforço de verdade no testemunho e no jornalismo. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos de Jornalismo do **XXVI Encontro Anual da Compós**, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 06 a 09 de junho de 2017.

Rádio Alto Uruguai, 2023. **Nível do rio Uruguai sobe muito e fronteira terá maior enchente em anos no RS**. Matéria do site da rádio publicada em 8.out.2023 disponível em <https://radioaltouruguai.com.br/nivel-do-rio-uruguai-sobe-muito-e-fronteira-tera-maior-enchente-em-anos-no-rs/>. Acesso em 15.jan.2024.

CARDOSO, M.; OLIVEIRA, G.; Ghelli, K. Análise de conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n.43, p.98-111/2021

SARLO, B. **Tiempo pasado: cultura de la memoria y primera persona**. 1ª ed. México: Siglo XXI Editores, 2006.

SCHMITZ, Aldo Antonio. Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo. Florianópolis: Combook, 2011.

SELIGMANN-SILVA, M. **A virada testemunhal do pensamento histórico**, em palestra proferida em 12.dez.2023 durante a realização da Escola Interdisciplinar FAPESP 2023 – Humanidades, Ciências Sociais e Artes, realizada no Hotel Almenat em Embu das Artes – SP, entre 10 e 13 de dezembro de 2023. Informações disponíveis em <https://escolafapesp2023humanas.webeventos.tec.br/>.



SELIGMANN-SILVA, M. **A virada testemunhal e decolonial do saber histórico.**

Editora da Unicamp: Campinas, 2022.

SELIGMANN-SILVA, M. O testemunho como chave ética. Vídeo da TV Cultura publicado em 29.abr.2018 em <https://www.youtube.com/watch?v=o8RKcZ5qfx8>. Acesso em 19.out.2023

SELIGMANN-SILVA, M. Introdução In: Seligmann-Silva, M. (org.). **História, Memória, Literatura**: o Testemunho na Era das Catástrofes. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

SERELLE, M. Jornalismo e guinada subjetiva. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Ano VI, n.2, pp. 33 – 44 jul/dez, 2009.

TAIT, Sue. Bearing witness, journalism and moral responsibility. **Media, Culture & Society**, v. 33, n. 8, pp. 1220-1235, 2011.

TROJAN, M. “Muçum não existe mais” In: ELIAS, J. “**Muçum não existe mais**”, diz **prefeito de cidade destruída por chuvas no RS**. Notícia publicada no site da CNN Brasil em 07.set.2023. Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/mucum-nao-existe-mais-diz-prefeito-de-cidade-destruida-por-chuvas-no-rs/>. Acesso em 18.mai.2024.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, N. (org.). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1999, p.74-90.

Zero Hora, 2023. **Esperança em meio a ruínas**. Notícia publicada no jornal impresso na página 06 na edição de 12.set.2023. Acesso em 03.fev.2024.

Zero Hora, 2023. **Familiares se despedem de nove vítimas da enxurrada**. Notícia publicada na página 08 na edição de 11.set.2023. Acesso em 03.fev.2024.

Zero Hora, 2023. **Sobreviventes de Muçum**. Notícia publicada no jornal impresso na página 10 na edição conjunta dos dias 09 e 10.set.2023. Acesso em 03.fev.2024.

Zero Hora, 2023. “**Vamos reconstruir o que perdemos aos poucos**”. Notícia publicada na página 10 no jornal impresso em 07.set.2023. Acesso em 03.fev.2024.

Zero Hora, 2023. **Resgate de ilhados feito por meio de helicópteros**. Notícia publicada na página 11 no jornal impresso em 06.set.2023. Acesso em 03.fev.2024.

Zero Hora, 2023 a. **Sobe número de mortes em cheias; RS segue em alerta**. Notícia publicada na página 7 no jornal impresso em 06.set.2023. Acesso em 03.fev.2024.

Zero Hora, 2023b. “**Cidade de Muçum não existe mais como a conhecíamos**”. Notícia publicada na página 10 no jornal impresso em 06.set.2023. Acesso em 03.fev.2024.

★

Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado